

## Espaço e lugar

Sylvia Cavalcante  
Lana Mara Andrade Nóbrega

### Entendimento geral

*Espaço.* Podemos pensar espaço de dois modos: 1) uma extensão entre dois pontos, duas linhas ou dois objetos; uma área que pode ser pensada geometricamente; 2) o englobante dentro do qual se situam todos os espaços particulares. O espaço é matéria caracterizada por sua exterioridade em relação ao indivíduo. Logo, é neutro, já que não se atribui a ele significado.

*Lugar.* É um espaço que identificamos: é onde moramos, trabalhamos, nos divertimos, vivemos. É um espaço no qual estabelecemos parada. Seus limites são definidos. Ele pode ser reconhecido: é referência. É um espaço ao qual se atribui significado e que ganha valor pela vivência e pelos sentimentos. Lugar é o espaço com o qual se estabelece relação.

### Caracterização

Na informalidade da linguagem cotidiana, espaço e lugar são muitas vezes empregados como sinônimos, sem que se atente para suas especificidades: os dois termos se confundem (TUAN, 1983). Porém, na área dos estudos sobre a relação entre a pessoa e o ambiente, cada um tem significado

próprio. “Espaço” coloca em destaque o aspecto físico do ambiente, enquanto “lugar” se refere aos sentidos que os usuários atribuem ao espaço físico (SPELLER, 2005). Neste caso, a percepção que se tem do espaço é uma percepção não objetivante porque nos envolvemos com ele.

O termo espaço geralmente refere-se a uma área geométrica concreta, caracterizado pela exterioridade de suas partes. Espaço é palco de ações, receptáculo passivo de objetos e percepções. Ele se materializa pelo movimento e pode ser percebido a partir de uma referência. É medida daquilo que separa dois pontos, duas linhas, dois objetos. Sua extensão pode ser infinita.

Assim, espaço é base para organização, indispensável à criação de distâncias e delimitações. Objetos, seres ou qualquer matéria se posicionam nele, permitindo diferenciação e reconhecimento. Por essa razão, espaço é um todo que comporta qualquer coisa e qualquer ser.

O termo *espaço* é empregado de múltiplas formas e pode vir acompanhado de vários adjetivos que lhe atribuem qualidades, como, por exemplo, espaço geográfico, ecológico, comercial, político etc. Estas são acepções nominais utilizadas por várias disciplinas que tratam do espaço como categoria de estudo. Nesta perspectiva, o espaço é uma noção interdisciplinar, estudada por arquitetos, planejadores urbanos, geógrafos, psicólogos, antropólogos, sociólogos etc. Assim, *espaço* pode ser considerado base preexistente, estrutura anterior necessária a qualquer teorização relativa ao homem. É por isso que é difícil falar de espaço enquanto termo isolado, definido, fechado, *per se*.

O homem enquanto extensão e materialidade, corpo físico, também ocupa o espaço: a existência humana se dá no es-

paço e precisa dele para seu desenvolvimento. Pré-requisito para o movimento do homem, o espaço é superfície, extensão que permite deslocamentos. Por outro lado, como “uma necessidade biológica de todos os animais, é também, para os seres humanos, uma necessidade psicológica, um requisito social, e mesmo um atributo espiritual” (TUAN, 1983: 66). Do ponto de vista psicológico e social, um espaço amplo, a espaciosidade, pode significar liberdade, ausência de restrições, embora também possa ter o sentido de solidão, uma situação muitas vezes temida, pois, sendo o homem um ser social, a convivência é condição característica da vida. Entretanto, a presença do outro diminui o espaço e pode ameaçar a liberdade, levando à sensação de aglomeração, experiência que está relacionada mais à percepção de restrições sociais do que à real limitação do espaço físico (TUAN, 1983).

Para Moles (1998), um dos precursores da Psicologia Ambiental na França, o espaço puro não tem existência para o ser; o espaço só existe em relação a um sujeito, um grupo, um conteúdo, um ponto de vista. A psicologia, ao abordar o sujeito, busca compreender a maneira como ele pensa, categoriza e compreende o espaço e seu conteúdo. O autor esclarece, portanto, que a pessoa pode perceber o espaço 1) a partir de uma filosofia cartesiana, abordando-o como extensão separada, onde todo e qualquer ponto se equivale, ou 2) a partir de sua inserção no próprio espaço, situação na qual este ganha significado.

A relação da pessoa com um espaço é o que permite sua transformação em *lugar*. Enquanto lugar, o espaço ganha importância e sua identificação situa-se para além de seus limites físicos. Ele é principalmente reconhecido pelo valor atribuído à vivência e aos sentimentos relacionados a ele. É nes-

te ponto que reside a diferença entre espaço e lugar, pois “o espaço habitado transcende o espaço geométrico” (BACHELARD, 1958: 47).

A partir de uma perspectiva temporal, Tuan (1983) define lugar como pausa, contrapondo-o a espaço, o qual pode ser abordado como movimento. “O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 1983: 6). A este respeito o autor ainda comenta que “os lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação” (TUAN, 1983: 4). Nesse caso, o espaço pode não se transformar em lugar por não estar preparado para isso; em outra situação, e uma vez preparado, ele pode vir a transformar-se em lugar.

Outra forma de definir como lugar uma extensão normalmente qualificada como espaço é referir-se a um quadro contextualizado. Por exemplo, enquanto unidade geométrica mensurável, a Terra geralmente é pensada como “espaço”, mas, se imaginarmos a extensão maior das galáxias, nosso planeta pode ser pensado como “um lugar no universo”, em contraposição aos outros planetas.

Podemos pensar nas características físicas (aparência), funcionais (atividades) e simbólicas (significados) formadoras de um lugar e necessárias à sua materialização; estas são interligadas e constituem o lugar como um todo. No entanto, um lugar pode existir apenas no plano simbólico, abstrato, com a possibilidade de ser concretizado ou não, como, por exemplo, a casa ideal, sonhada, que poderá ser construída.

A formação de um lugar pode ocorrer em um breve lapso de tempo, mas também pode demandar dias ou até anos,

pois, para que aconteça, é decisivo o sentir do lugar (TUAN, 1983), sentimento que pode expressar-se por meio de um vínculo positivo (apego) ou negativo (repulsa). Ou seja, a conversão de um espaço em lugar não depende da quantidade de tempo investido ou do tipo do uso, mas sim da impressão (marca) causada pela relação da pessoa com o ambiente e do tipo de vínculo gerado.

Na verdade, ao pensarmos sobre o que sentimos trazemos para perto os lugares vivenciados. O lugar constitui-se por um sentimento que pode nos invadir (SPELLER, 2005) e nos abraçar por completo. Efetivamente, todo sentimento desperta um lugar. Isso acontece porque somos seres situados e necessitamos de espaços e lugares para experienciar nossa existência, o que gera as diferenças que são inerentes à relação entre a pessoa e o ambiente: dentro e fora, pausa e movimento, fechado e aberto etc. A importância do lugar “assenta no domínio dos sentimentos acerca do ambiente e do seu significado” (SPELLER, 2005: 134).

Assim, a interação com um espaço, seu uso habitual, permite a criação do lugar. A criação do lugar é um processo de troca entre a pessoa e o ambiente que supõe percepção, vivência, significação, apego, um envolvimento emocional e físico, uma afecção do corpo pelo lugar, “registrado pelos nossos músculos e ossos” (TUAN, 1983: 203). Tal processo, na Psicologia Ambiental, é estudado por meio dos conceitos de apropriação e de identidade de lugar. A referência da pessoa com seus lugares é tão grande e importante, que os indivíduos definem “quem” e “o que” são nos termos de quão fortes são seus vínculos com seu lar ou vizinhança ou comunidade (PROSHANSKY, 1983). Isso se dá porque as pessoas interagem ativamente com os lugares e, ao fazerem isso, elas (consciente ou inconscien-

temente) criam relacionamentos com lugares (MANZO, 2003).

Uma vez criado o lugar, pode ser que ele deixe de existir fisicamente, como, por exemplo, em caso de demolição. Todavia, é possível que permaneça sempre na mente daqueles que o habitaram. Ele existirá sempre dentro deles, através de suas lembranças. Por isso, é possível dizer que o corpo é receptáculo de lugares, assim como também é lugar em relação à grandiosidade do mundo. Como diz Moles: “Eu, Aqui, Agora (*Moi, Ici, Maintenant*) – são a evidência sensível do ser localizado a partir da qual se percebe o mundo. O Eu como *centro* do Mundo – como poderia existir um mundo no qual eu não fosse o centro?” (MOLES, 1998: 30). Com efeito, tal referência constitui uma âncora para a identidade do indivíduo (HAY, 1998), pois “nossos ambientes são uma verdadeira encarnação de nossa existência” (BACHELARD, 1958: 47). Durante muito tempo, o estudo do lugar concentrou-se no conceito de apego ao lugar (*place attachment*).

A noção de lugar emergiu como um conceito central a partir das muitas discussões dos geógrafos comportamentais e dos estudos da percepção ambiental. Esses pesquisadores, tanto geógrafos quanto psicólogos, sentiram a necessidade de integrar os processos de representação interna com as formas de exploração, o ambiente físico *per se*; fazendo isso, eles fomentaram o desenvolvimento de uma *teoria do lugar* (CANTER; DONALD, 1991).

A observação minuciosa das relações pessoa-ambiente também permitiu a caracterização de alguns lugares e espaços específicos, dentre os quais destacamos as noções de não lugar (AUGÉ, 1995) e espaço pessoal (SOMMER, 1973). Os

não *lugares* correspondem aos espaços de circulação característicos da sociedade atual, cuja função específica de deslocamento e uso temporário, quase descartável, impede a formação de vínculos afetivos. É o caso das passarelas de rua e de metrô, dos estacionamentos e aeroportos. Por sua vez, o *espaço pessoal* é definido como uma zona invisível em volta do corpo que é ativamente defendida pelo indivíduo, sobretudo quando invadido sem permissão, e que o ajuda a definir o tipo de relação desejada com os demais.

Os lugares oferecem visões sobre o caráter histórico da sociedade. A pesquisa sobre a origem e evolução dos lugares pode ser longa e difícil, já que o tópico é relativamente novo. Contudo, o conhecimento sobre a origem do lugar é essencial para compreender a natureza da relação humana com o ambiente em todos os níveis. Portanto, a noção de lugar, assim como a de tempo, é importante para a noção do *eu*. Na verdade, o nosso “eu” se exterioriza para além de nossos corpos e se estende para os lugares que ocupamos e com os quais nos relacionamos. A rede de inter-relações entre comportamento e ambiente torna-se mais complexa à medida que é investigada pelo crescimento social, político e econômico do lugar (MOORE, 1991).

O lugar propicia e materializa, simultaneamente, uma noção de continuidade e de divisão temporal; sintetiza nosso passado, presente e futuro, pois, ao mesmo tempo em que é memória, aglutina vivências e apresenta possibilidades. Ele é uma totalidade existencial. Os lugares são criados no espaço e ambos (espaço e lugar) são inerentes à vida humana; como afirma Milton Santos (1997: 252), “cada lugar é, à sua maneira, o mundo”.

## Referências

- AUGÉ, M. (1995). *Não lugares* – Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus.
- BACHELARD, G. (1958). *Poética do espaço*. Rio de Janeiro: Martins Fontes.
- CANTER, D.; DONALD, I. (1991). Environmental Psychology in the United Kingdom. In: STOKOLS, D.; ALTMAN, I. (orgs.). *Handbook of Environmental Psychology*. Vol. 2. Nova York: Wiley, p. 1.281-1.310.
- HAY, R. (1998). Sense of Place in Developmental Context. *Journal of Environmental Psychology*, 18, p. 5-19.
- MANZO (2003). Beyond House and Haven: Toward a Revisioning of Emotional Relationships with Places. *Journal of Environmental Psychology*, 23, p. 47-61.
- MOLES, A.A.; ROHMER, E. (1998). *Psychosociologie de l'espace*. Paris: L'Harmattan.
- MOORE, G. (1991). Environment and Behavior Research in North America: History, Developments, and Unresolved Issues. In: STOKOLS, D.; ALTMAN, I. *Handbook of Environmental Psychology*. Malabar, Flor.: Krieger, p. 1.359-1.410.
- PROSHANSKY, H.M.; FABIAN, A.K.; KAMINOFF, R. (1983). “Place-identity: Physical World Socialization of the Self”. *Journal of Environmental Psychology*, 3, p. 57-83.
- SANTOS, M. (1997a). *A natureza do espaço – Técnica e tempo; razão e emoção*. São Paulo: Hucitec.
- \_\_\_\_\_ (1997b). *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec.
- SOMMER, R. (1973). *Espaço pessoal – As bases comportamentais de projetos e planejamentos*. São Paulo: EPU/Edusp.

SPELLER, G.M. (2005). A importância da vinculação aos lugares. In: SOCZKA, L. (org.) *Contextos humanos e Psicologia Ambiental*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

TUAN, Y.-F. (1983). *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel.

---

**Leia também, neste volume, os capítulos** 4) Apego ao lugar; 5) Apropriação; 11) Comportamento socioespacial humano; 17) Identidade de lugar.

---



Sylvia Cavalcante  
Gleice A. Elali  
(orgs.)

## Temas básicos em Psicologia Ambiental

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Temas básicos em Psicologia Ambiental / Sylvia  
Cavalcante, Gleice A. Elali (organizadoras). –  
Petrópolis, RJ : Vozes, 2011.

Vários autores

Bibliografia

ISBN 978-85-326-4138-0

1. Psicologia Ambiental I. Cavalcante, Sylvia.  
II. Elali, Gleice, A.

11-04079

CDD-155.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia Ambiental 155.9

 EDITORA  
VOZES

Petrópolis